

PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 20, v. 1  
jan-abr.2024  
p. 241-254

# Pode a pessoa não binária ocupar espaços? Três relatos sobre questões que atravessaram meu corpo

*(Can the non-binary person occupy spaces? Three reports about issues that went through my body)*

*(¿Puede la persona no binaria ocupar espacios? Tres informes sobre cuestiones que pasaron por mi cuerpo)*

Felipe Grassine<sup>1</sup>

**RESUMO:** A não binaridade é uma luta muito cara para mim e por isso, num sopro de coragem me coloco nesse texto narrativo com três relatos de agressão que sofri ao longo desse processo de viver/morrer. Me intenciono nessa escrita para colaborar com presentes e futuras reflexões sobre como a binaridade aliada a regulação de gênero, torna corpos transgêneros abjetos. Na minha pele, foi nela que senti a mão de um 'cistêma' (cisgênero + sistema) pesando, vigiando e punindo, e lembrando esses ocorridos crio forças para continuar por uma luta de sobrevivência e de ajudar na nossa expectativa de viver enquanto corpos dissidentes. A escrita deriva da minha dissertação e usa métodos e referenciais narrativos/ilustrativos para geração de reflexão dentro do campo do design e dos estudos de gênero.

**PALAVRAS-CHAVE:** corporeidade; narrativas dissidentes; questões de gênero.

**Abstract:** Non-binarity is a struggle that is very dear to me and therefore, in a breath of courage, I place myself in this narrative text with three reports of aggression that I suffered throughout this process of living/dying. I intend in this writing to collaborate with present and future reflections on how binarity, combined with gender regulation, makes transgender bodies abject. On my skin, it was there that I felt the hand of a 'cistema' (cisgender + system) weighing, monitoring and punishing, and remembering these events I create strength to continue in a struggle for survival and to help in our expectation of living as dissident bodies. The writing derives from my dissertation and uses narrative/illustrative methods and references to generate reflection within the field of design and gender studies.

**Keywords:** embodiment; dissident narratives; gender issues.

**Resumen:** La no binaridad es una lucha que me es muy querida y por eso, en un soplo de valentía, me ubico en este texto narrativo con tres relatos de agresión que sufrí a lo largo de este proceso de vivir/morir. En este escrito pretendo colaborar con reflexiones presentes y futuras sobre cómo la binaridad, combinada con la regulación de género, vuelve abyectos los cuerpos transgénero. En mi piel, fue allí donde sentí la mano de un 'cistema' (cisgénero + sistema) que pesa, vigila y castiga, y al recordar estos hechos creo fuerza para continuar en la lucha por la supervivencia y ayudar en nuestra expectativa de vida. como cuerpos disidentes. El escrito se deriva de mi disertación y utiliza métodos y referencias narrativas/ilustrativas para generar reflexión dentro del campo del diseño y los estudios de género.

**Palabras clave:** encarnación; narrativas disidentes; cuestiones de género.

<sup>1</sup> Doutorande em Escola Superior de Desenho Industrial / Universidade Estadual do Rio de Janeiro. E-mail: grassine.co@gmail.com



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 31/05/2023  
Aceito em 21/09/2023

Favela sinistra  
 Na madrugada filho da puta assassino de trava  
 Se nós te ver nem tenta correr  
 Que seja no inferno nós acha você! Cuzão!  
 Ficou passada? Então  
 Aprende a fazer carão  
 Pois só lhes restarão ver nossa dominação! Vrau  
 (Pra quem [...], 2018, 2 min 17 s).

## 1 Introdução

Não lembro o dia, nem a hora, mas lembro que foi no início do meu questionamento sobre a possibilidade de ser uma mulher trans/ travesti<sup>2</sup>, talvez pelo meio do ano de 2016. Lembro que para sair de casa e ir a festas, rolês e bares, eu levava uma bolsa onde colocava roupas que me faziam sentir confortáveis, mas que na sociedade não me caberia enquanto lido como homem. Mas era rotina, sabia que para sair de casa, numa cidade longe do centro do Rio de Janeiro, eu precisava me vestir conforme a música cisheteronormativa<sup>3</sup> tocava. Não era só vergonha dos meus pais me verem com roupas “femininas” e não saber como agir, mas era medo de me acontecer uma terceira agressão física, as agressões verbais já não sabia nem que casa de centenas estava essa contagem. Todas as vezes que apanhei foi por infringir uma masculinidade, por negar ser homem, por não obedecer às normas gestuais, verbais, corporais desse ser homem original.

E, por um tempo, essa foi minha rotina, de carregar na mochila a pele que melhor me cabia, de encontrar abrigo em casa de amigas que me recebiam para de fato poder me trajar da forma que me fazia mais realizada, que faziam meus olhos brilharem.

Aos poucos fui tomando gosto e coragem, trazendo essa performance mais aparente, me vestindo mais com essa pele, saindo de cabeça erguida com uma peça ou outra, me sentindo sexy, desejada e gostosa, até que em fevereiro de 2017, tudo caiu.

Dandara foi brutalmente torturada e assassinada. ASSASSINADA! (Sampaio, 2017)

Lembro que quando saiu a reportagem sobre esse caso, eu chorei muito, meu coração se espremeu em medo e tive que tirar da mochila e guardar na última gaveta a pele que melhor me vestia. Vendo toda minha aflição, minha mãe me falou algo que nem sei se algum dia esquecerei, ela disse:

— Meu filho, eu te amo muito, e sei que você não é igual a todos, mas meu maior medo é ligar a TV, abrir um jornal e descobrir que você morreu, apenas por ser o que é.

Em silêncio, com olhar perdido fiquei. Não sei vocês, mas eu não quero ser a “trans

2 Travesti, além de um termo político, é um gênero que performa “feminilidades”, se separando desse conceito de mulher.

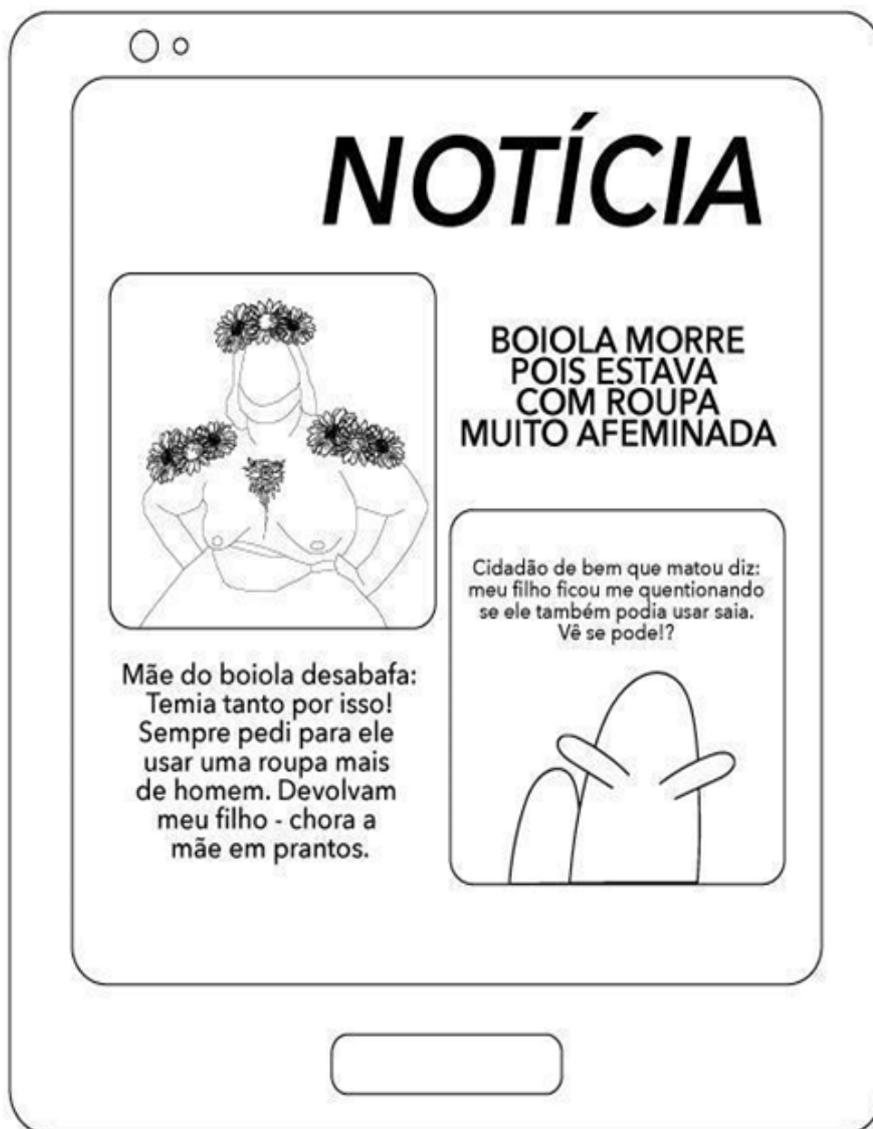
3 O termo cisheteronormatividade caracteriza um conjunto de normas que pressupõe pessoas sempre cisgêneras e heterossexuais enquanto desfecho natural da constituição da subjetividade humana (Rosa, 2020).



assassinada”, o “gay morto”, não quero ser alguém sem nome achado no valão. Desde então, decidi ser a cada dia 100% da minha melhor pele, decidi fazer do meu corpo um instrumento de luta, e é por isso que hoje estou aqui, viva, sendo uma pessoa trans trazendo questões de pessoas trans. Até hoje, escrevendo esse relato, meu estômago dá um nó e meus olhos se enchem de água. Dandara permanece viva no meu coração e na minha força para lutar.

Hoje escrevo esse desabafo em forma de texto para não ser uma notícia triste no jornal. Prometi para minha mãe que viveria, e as notícias que anunciarão aos seus ouvidos são prados de conquistas de uma pessoa trans não binária.

Figura 1: Ilustração sobre meu maior medo enquanto LGBTQIAPN+



Fonte: autoria própria.



## 2 Método

Essas narrativas foram retiradas da minha dissertação, *Design Abjeto: o queer eu tenho a ver com isso?* (Grassine, 2023). A dissertação foi construída seguindo cinco etapas: 1. Relato de experiência; 2. Ilustrações autorais; 3. Questionamentos e raivas; 4. Reflexões no campo dos estudos de gênero; e 5. Reflexões dentro do campo do design.

As duas primeiras etapas são as que trago como colaboração para esta escrita, são elas o motor para a geração de reflexões. Logo, como metodologia, a escrita conta com trechos narrativos, que tratam de um estudo de histórias vividas e contadas, “pois uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos próprios pesquisadores” (Clandinin; Connelly, 2011, p. 18), e como explicitado, usando textos autobiográficos, histórias de vida e ilustrações. O livro *E se eu fosse puta*, da autora Amara Moira (2016), foi usado como referência para pensar em uma estrutura narrativa. Em seu livro, Amara relata suas experiências em ser uma travesti e prostituta, contando casos curtos de experiências com o trabalho sexual na rua, além de trazer questões sobre sua travestilidade.

## 3 Resultados e discussão

Eu acredito que subverteremos esse CISTema<sup>4</sup> e estaremos no topo em breve. Nessa luta para viver, alguns de nós foram silenciadas. Dandara, Matheusa Passarelli, Keron Ravach, Milena Massafra, Marielle Franco, Paulo Vaz entre tantas que se foram, mas nossas histórias se misturam com as delas e assim, o tecido da resistência é atrelado ao rompermos com os silêncios normativos (Gonçalves Júnior, 2018). E, com a declaração de Jota Mombaça (2021), crio coragem para contar aqui três relatos de agressão física e usar isso como força de luta para possíveis articulações; Mombaça declara,

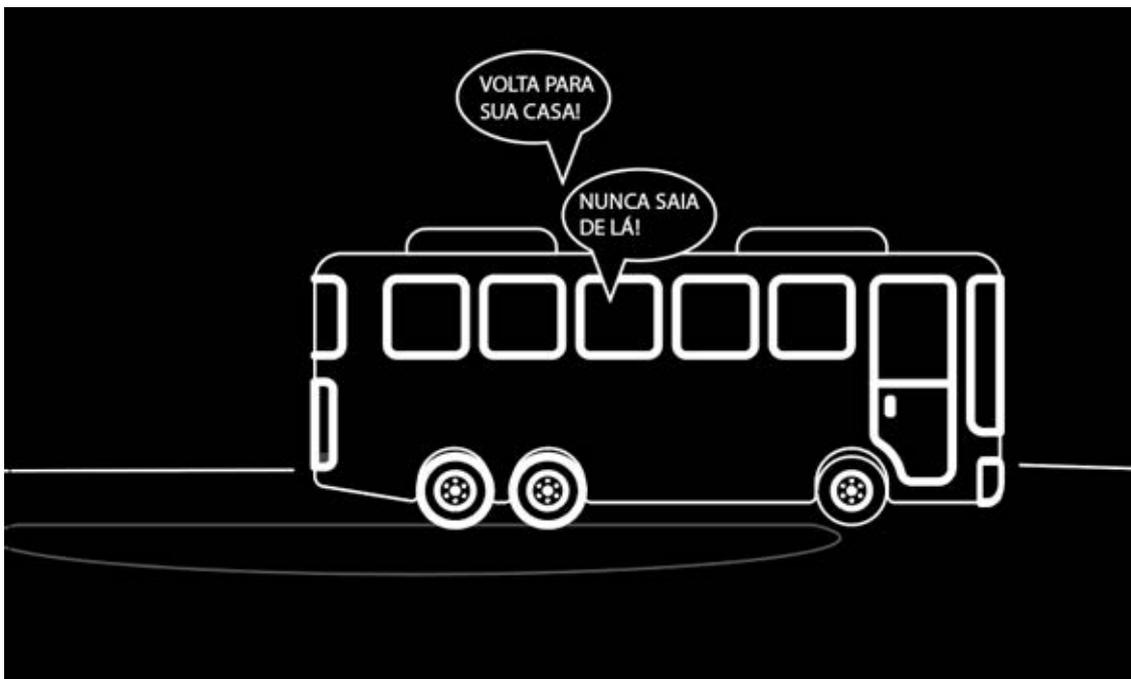
Eles virão nos matar, porque não sabem que somos imorríveis. Não sabem que nossas vidas impossíveis se manifestam umas nas outras. Sim, eles nos despedaçarão, porque não sabem que, uma vez aos pedaços, nós nos espalharemos. Não como povo, mas como peste: no cerne mesmo do mundo, e contra ele (Mombaça, 2021, p. 28).

4 O jogo de palavras de Cistema, é a junção das palavras cisgeneridade e sistema, reforçando um sistema patriarcal e binário que somos impostas a viver. A intenção é nomear essas forças que nos colocam em abjeção.



### 3.1 Pode a pessoa não binária ocupar transportes públicos?

Figura 2: O ônibus



Fonte: autoria própria.

O ano de 2019, de longe, foi o mais difícil para mim. Foi o ano em que briguei ferrenhamente contra a depressão e ansiedade, tive entradas e saídas de hospital, remédios, sobrecarregada até a cabeça de trabalho, questões com alimentação. Nossa, deu até uma revirada no estômago só de lembrar. Neste ano, foi quando comecei a estudar mais sobre não binaridade, entrar em contato com outras pessoas, comecei a modular minhas roupas, pronomes, foi quando estive mais incisiva sobre essa auto militância.

Mas foi nesse mesmo ano que a depressão me atacou tão fortemente que foi difícil saber quem era eu. Meus medos vieram todos à tona, não sabia que banheiro entrar, que provador ir, qual roupa pegar, não imaginei que ser não binária me traria tantas dúvidas. Na verdade, sabemos que o problema é a maneira com que a sociedade está estruturada e nada preparada para um corpo dissidente, mas naquele ano eu já estava tão ferrada que refletir sobre isso era até cruel de me cobrar.

Em 2019, sofri duas agressões físicas, e é sobre uma delas que irei trazer para reflexão. Eu sou professora de desenho e para aqueles que procuravam ingressar nos cursos de design e arquitetura, uma das etapas do vestibular era realizar uma prova de aptidão de desenho, então tinha quase um ano de preparo com os alunos. Como de costume e rotineiro, sempre levei meus



alunos no dia da prova e nesse ano não seria diferente. Acordei, me arrumei e fui pegar o ônibus no terminal para encontrar com eles. Nesse dia, após a prova tínhamos marcado de confraternizar com um churrasco (época em que a carne era mais acessível, né?) na casa de uma das alunas, então fui mais arrumada para ir direto pro churrasco, estava com meu belo tênis branco, camisa e um shortinho jeans. Voltando para a fila do ônibus, tinha um senhor mais a frente que não parava de olhar, ou queria me comer ou queria me bater, uma das duas opções era. Ele subiu no ônibus, ficou parado perto do motorista, e aí quando fui subir ele começou a falar:

— Ali motorista, a boneca de shortinho. Vê se pode, um homem desse tamanho usando esse short de mulher.

No início eu fiquei calada, olhando de cara feia e respirando fundo, mas ele continuou e continuou. Ele acabou passando na minha frente e ficou parado próximo a catraca na parte de dentro, assim que eu passei apenas senti um soco bem forte na região do meu ombro e ele começou a gritar:

— BOIOLA! BICHA!

— Isso vai acabar, nosso presidente (até então Jair Bolsonaro) não vai deixar nenhuma marica viva.

Meu sangue esquentou que eu só virei um retão na cara dele, desnortado eu comecei a gritar:

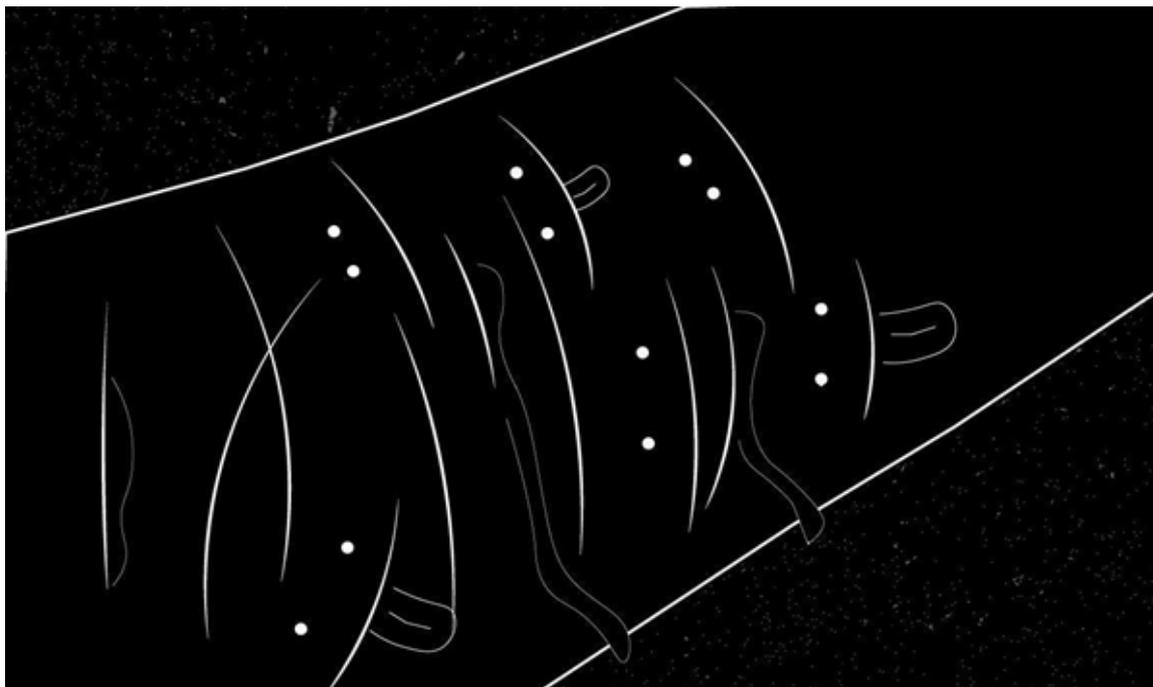
— SAI AGORA! DESCE! DESCE AGORA!

Algumas mulheres que estavam sentadas mais na frente começaram a mandar ele descer e ele desceu. Muitas me acolheram, foram solícitas, mas só tinha espaço para sentar lá atrás, onde tinham mais homens que estavam me olhando de cara feia. Eu sentei apavorada, foi o ápice do medo essa viagem. Eu só chorava, abracei bem forte minha mochila e chorava, comecei a me machucar no braço pela ansiedade e começou a sair pequenas gotas de sangue dos arranhões, a sorte que tinha um casaco na bolsa para cobrir todas as dores e marcas que esse episódio me marcou, mas não tinha como tampar a dor emocional que me transbordava.

Cheguei ao ponto de encontro, lavei meus braços, lavei meu rosto, vesti meu casaco, coloquei um sorriso no rosto e fui encontrar com meus alunos. Enquanto estavam na prova, fiquei desenhando carinhas com sorrisos nos cortes do braço, assim como tinha sugerido a psicóloga.



Figura 3: Braço com os arranhões, algumas carinhas sorrindo e um pouco de sangue



Fonte: autoria própria.

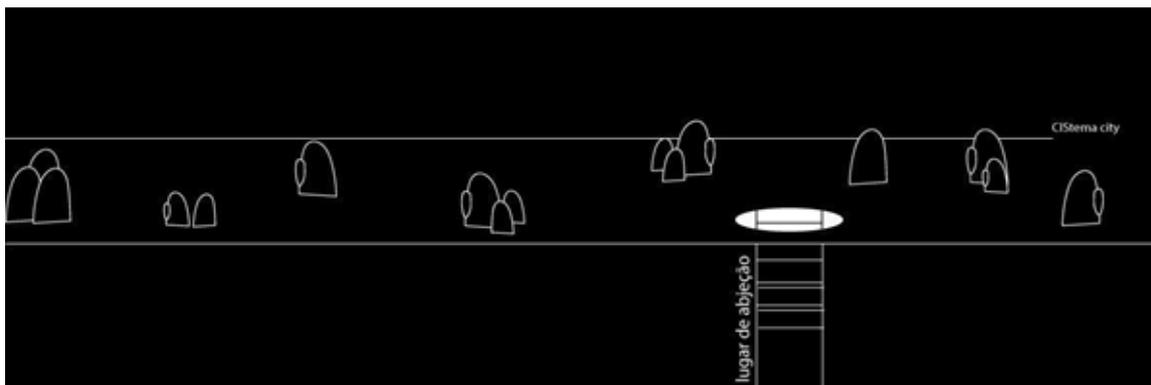
Por que tenho que pagar o preço da violência por apenas viver? Era um short, apenas um short. Não significava que queria ser mulher. Mas o que é ser mulher? Por que isso incomodou tanto aquele senhor? Ou melhor, porque aquele senhor se achou no direito de policiar, me repreender e me agredir? Quem colocou ele nesse papel? Por que não podia ser lido como homem de short? A masculinidade tóxica como projeto de poder deve ser abordada em qualquer discussão sobre a distribuição social da violência. A violência cismasculina é uma arma transversal de normalização de gênero e controle social (Mombaça, 2021).

Desde quando o espaço público deixou de ser meu espaço? Terei que andar escondida? A violência cumpre um programa e opera em favor de um projeto de poder anexado à cisheteronorma. É impossível negar o impacto dessa distribuição da violência como ameaça da minha vida diária. Simplesmente andar pelas ruas pode ser um ato difícil quando suas roupas são consideradas inapropriadas e sua presença é lida como ofensiva apenas pelo modo como você age e aparenta. Jota Mombaça (2021 p. 29 e 96). diz

Em homenagem a Conceição Evaristo, a gente combinamos de não morrer. Precisávamos também que eles tivessem combinado de não nos matar. [...] Estamos cansadas. Já não sabemos como contar o tempo pois, aqui embaixo, nada jamais amanhece.



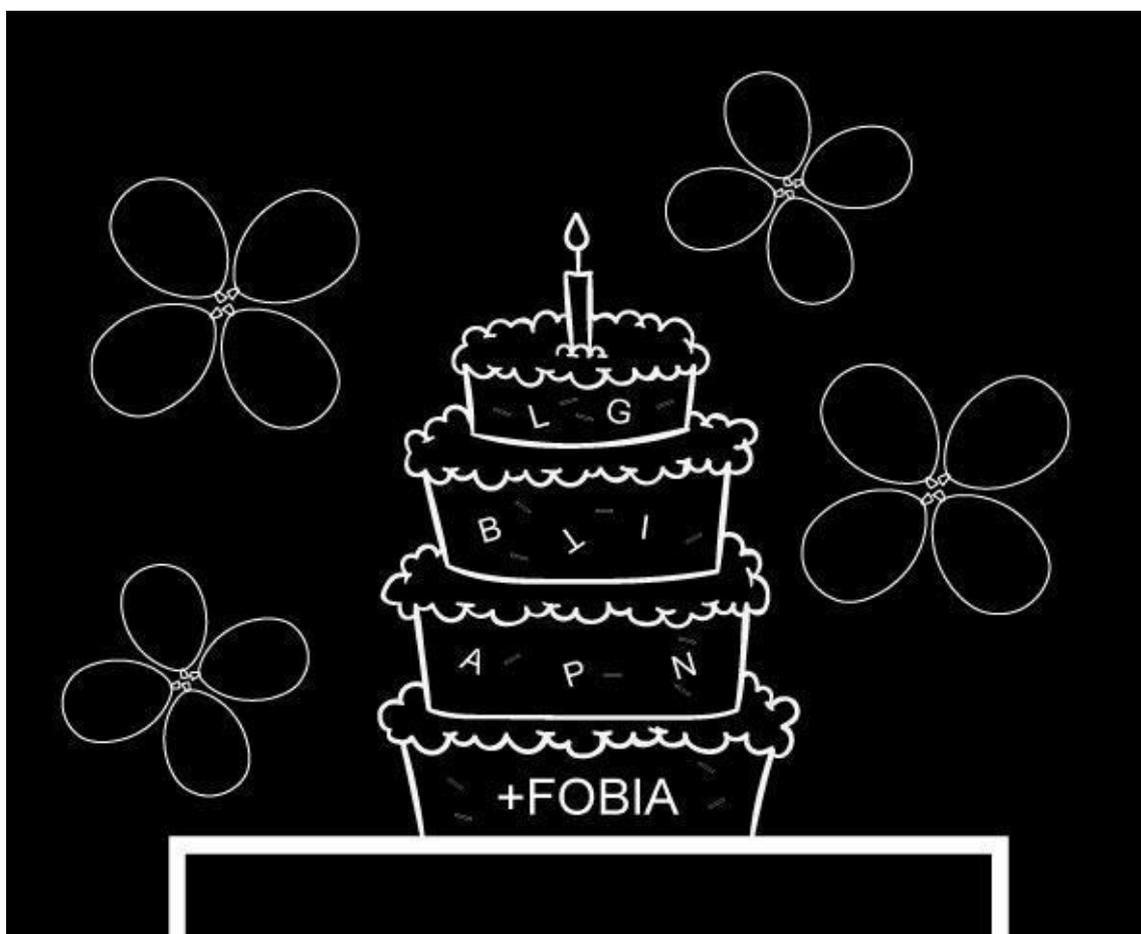
Figura 4: Ilustração sobre corpos dissidentes não poderem acessar lugares públicos



Fonte: autoria própria.

### 3.2 Pode a pessoa não binária comemorar aniversário?

Figura 5: Festa de aniversário com tema LGBTQIAPN+



Fonte: autoria própria.

Era 3 de julho de 2015, sexta-feira, dia do meu aniversário. Quem me conhece sabe que AMO fazer aniversário, acho que é culpa do leão em vênus, sei lá, mas o importante é que era



meu aniversário. Saí do curso de desenho em que dava aula quase de noite, cansadíssima, já que às sextas eu acordava mega cedo para ir ao *campus* Fundão UFRJ. Na hora do almoço corria para dar aula e saía de lá umas 18:30h.

Nesse dia recebi tantas festas surpresas, tantos abraços, tanto carinho que minha bochecha chegava a ficar dolorida de tanto rir de alegria. Chegando em casa descobri que teria mais uma festa para mim. Que felicidade! Estavam alguns amigos do bairro, parentes, irmãos e meus pais, melhor momento para fechar esse dia com chave de ouro. Minha mãe então pediu que eu fosse comprar duas garrafas de refri, e lá fui eu, sem saber o que me esperava.

Aqui onde moro, por ser um bairro pequeno, as ruas não contam com uma boa iluminação, não é nada movimentado, muito menos às oito da noite, mas tinham alguns comércios que ficavam abertos vendendo bebidas, tipo um barzinho. Lá fui eu o mais veloz possível para aproveitar mais essa comemoração, mas o que eu não esperava é que esse dia seria a primeira vez que eu iria apanhar, naquela época, antes mesmo de me entender como uma pessoa trans não binária, apanhei por ser gay afeminado. Passei por uma encruzilhada que sempre é bem escura, porque tem muitas árvores, e lá estavam alguns moleques que vendo eu passar mexeram comigo, o de sempre, “viado”, “bichinha”, “mulherzinha” e por aí vai, mandei eles tomarem no cu e segui meu caminho ao barzinho. Comprei os dois refrigerantes e na volta estavam os meninos lá na mesma encruzilhada, mas dessa vez para me pegar na porrada. Chegando perto já escutava as risadas, e um deles falou:

— Você mandou a gente tomar onde?

Eu respondi bem afiada e com cabeça erguida falei:

— NO MEIO DO CU DE VOCÊS!

Nisso veio um e me empurrou, sem esperar por aquilo acabei caindo no chão, e recebi diversos chutes dos três, eu tentava levantar, mas não dava, apenas comecei a proteger o rosto e a gritar, até que apareceu uma moça e conseguiu afastar eles. Ela me perguntou se estava tudo bem, em choque ainda, respondi que sim, peguei os dois refrigerantes que estavam jogados na calçada e fui direto para casa. Como contar aos meus pais o que tinha acabado de acontecer? Spoiler: eles nunca souberam.

Como tenho um quintal bem grande e todos estavam lá atrás na cozinha, limpei meu casaco, que diga de passagem, foi o responsável por encobrir todos os hematomas que estavam nas costas e barriga, abri a torneirinha que ficava logo na entrada do portão, lavei o rosto, os joelhos e as mãos, engoli o choro, entrei tão rápido em casa, deixei os refrigerantes e só falei que iria tomar banho para ir comemorar. Sentei no vaso e chorei. Tudo doía! Tomei banho, passei umas pomadas



e tomei um remédio para dor, coloquei outro casaco e fui para minha festa. Foi uma luta parar de pensar no ocorrido, mas foi assim a primeira vez que apanhei por ser LGBTQIAPN+. Me senti sendo atacada, amarrada e incapaz de fazer nada, enquanto achava que seria morta naquele dia. Muito obrigada moça que me ajudou!

**Fig. 6** - A surra que eu e o casaco tomamos



Fonte: autoria própria.

Refletindo sobre esse relato de agressão física e sobre as diversas situações verbais, sei que o ódio desses meninos não foi direcionado apenas por eu ter mandado eles tomarem no cu, até porque esse episódio de troca de farpas não era novidade, mas o que fez eles me baterem naquele dia e não nos outros? Acho que por estar escuro, ou vazio o lugar, mas sei com certeza que era por ser gay, sei que me bateram porque neguei diversos princípios da cisheteronormatividade, me bateram porque não gesticulava igual homem, não falava igual homem, não brincava com brincadeiras de homem. Na cabeça deles era incabível eu ter o privilégio de ter nascido homem, com pênis e estar negando a todo momento essa masculinidade.

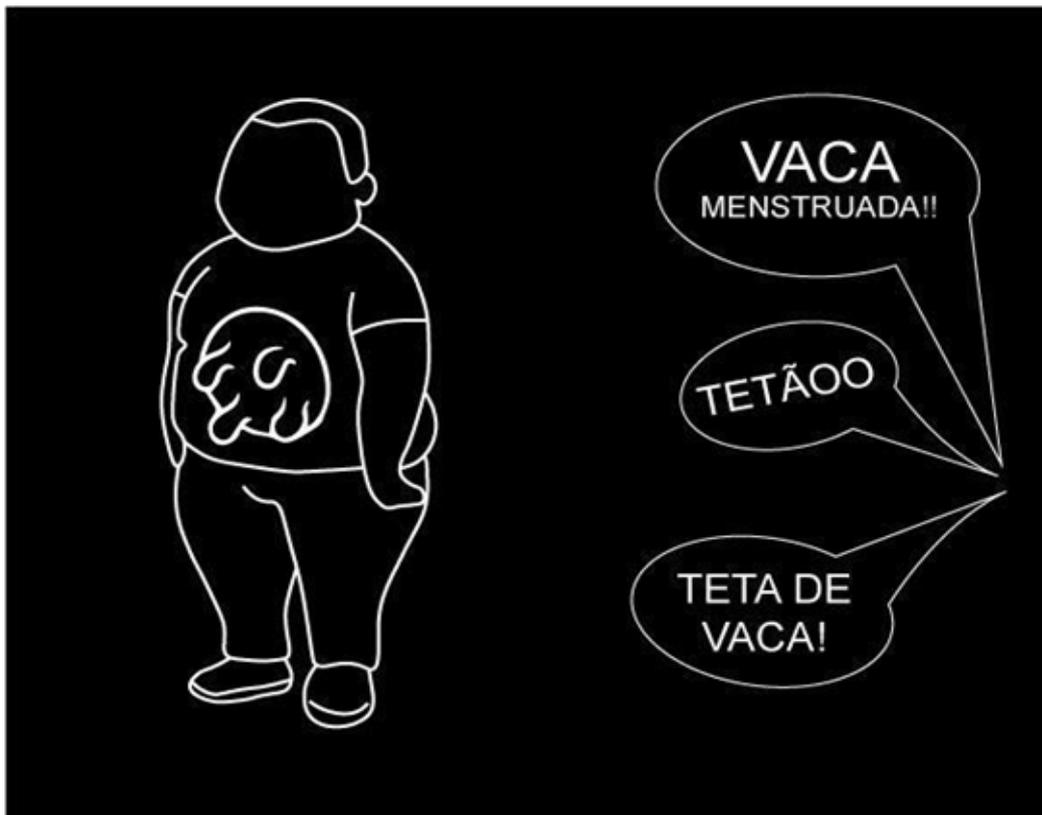
Apanhei porque na cabeça deles e de muitos da sociedade ainda hoje vinculam a sexualidade e a performatividade ao gênero, logo se era lido socialmente como homem, tendo um pênis que



“comprovaria” essa masculinidade, mas meu desejo era por outro homem, já constatavam que estava negando esse ser homem e que automaticamente queria “virar” mulher, ou se não uso roupas ditas masculinas, não coço o saco, cuspo no chão e chamo a mulher da rua de gostosa, é porque não seria um homem de verdade. Mas o que dentro dessa binaridade é ser homem e mulher de verdade?

### 3.3 Pode a pessoa não binária amar seu corpo?

Fig. 7 - Retratação da história e como me sentia com meu corpo



Fonte: autoria própria.

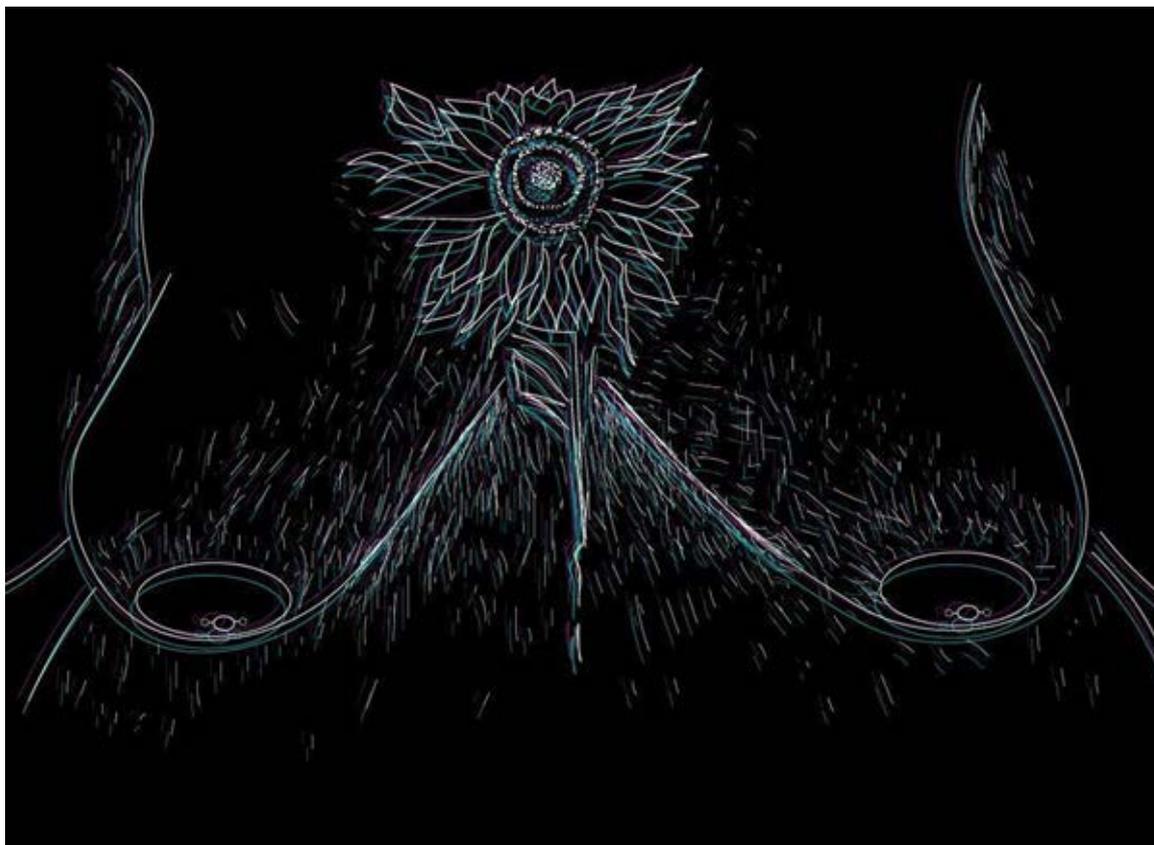
Por ser uma criança gorda desde a adolescência, sempre tive um formato de corpo mais similar ao que as pessoas entendiam como um corpo de “mulher”. Sempre tive peitos grandes, uma silhueta mais “violão”. Na infância, o formato do meu corpo sempre contribuiu para reforçar uma sexualidade outra, ou até mesmo em insinuarem que eu era mulherzinha, o que não seria problema nenhum. A questão é que naquela época acabei tomando muita repulsa pelo meu corpo e comecei a usar casaco ou faixas para pressionar meu peito e não ficar aparente. Tinha vergonha de ir às piscinas da escola, de amigos, parentes. Meu corpo serviu por um bom tempo do início da minha adolescência até o início da juventude como chacota para as pessoas.

Como é mostrado na ilustração que abre essa seção, os meninos sempre me chamavam de



teta de vaca menstruada, beliscavam meus mamilos e sempre davam tapinhas quando eu estava distraída. Sempre muito defendida pelas meninas e pela minha irmã que era muito brava, com o tempo foi parando, mas fiz muitas coisas para perder peso, natação, futebol, futsal, lutas, às vezes tudo ao mesmo tempo. Até emagreci, mas meus peitos continuavam sendo bem presentes e assim foi em todas minhas tentativas de perder peso.

Fig. 8 - Meus peitos



Fonte: autoria própria.

Na juventude, isso me trouxe muitas questões sobre ser desejada por outras pessoas. A universidade foi um lugar que me ajudou bastante a refazer alguns conceitos de corpo, sobre como performar e me vestir, assim, comecei a usar roupas mais justas, comecei a amar meus peitos e as minhas curvas de uma maneira ímpar. Porém, essa liberdade corporal que eu tinha começado a ter me trouxe uma compulsividade em sempre hiperssexualizar meu corpo, para provar uma legitimidade de ser desejada.

Em aplicativos de relacionamentos, ou grupos de pegação, os homens ficavam loucos pelos meus peitos, eles diziam que eu era tão gostoso quanto uma mulher. E assim foi acontecendo, comecei a utilizar nudes que realçavam uma aparência feminina, porque assim os homens não se sentiriam tão maus em pegar uma gay afeminada. A compulsividade em captar mais homens



por uma performance feminina foi aumentando e diariamente eu brincava que naquele dia eu iria transar com um homem, cis e hétero, apenas por me assemelhar a uma mulher. Eram insinuações a motoristas de Uber, em banheiros, faculdade, professores, meu objetivo era provar que era tão desejada quanto uma mulher.

Hoje, eu entendo o quanto fui tola. A pressão que a noção de homem e mulher me colocou, causou transtornos de identidade em que sempre fui muito criticada por estar longe de uma performance de ser homem na infância e juventude, e também longe de performar uma mulheridade “natural”. O mesmo peito que me fez usar faixas de tórax para parecer homem, fez eu me prostituir por um tempo, não pelo dinheiro, mas sim para uma validação do meu corpo, para me sentir desejada e cumprir um papel de feminilidade, além de poder dar prazer ao homem.

A questão é: o que é ter corpo de mulher ou de homem? Antes de me entender não binária, e até no início da não binaridade, ainda me colocava dentro de um corpo binário, como se meu cabelo pudesse ser masculino ou feminino, se meus peitos seriam masculinos ou femininos. Falava no início que era não binária porque eu tinha barba que era de homem, mas que meu peito era de mulher, e que deixava meu cabelo grande por ser mais feminino.

Hoje, já entendo que tudo isso sempre foi um reforço institucional e visual sobre o que pertencia nesse espectro de homem e de mulher. Por um tempo falava que eu era materna, porque era presente e cuidadosa com meus amigos, colocando assim o papel de cuidar na mulher, e também como se mulheres estivessem já preparadas para tal ofício e como mulheres tivessem que ocupar esse lugar no imaginário social.

Demorou muito tempo para me realocar dentro da minha existência, para entender a não binaridade e me desvencilhar de conceitos que fixavam papéis e responsabilidades a cada gênero binário.

#### 4 Considerações finais

O uso de diferentes linguagens, como a ilustração e a escrita, me possibilitou, enquanto ferramenta, uma sensibilização para questões políticas e sociais complexas, bem como para criar espaços de diálogo e troca de práticas e saberes. Cada vez mais o uso de textos em primeira pessoa tem sido uma opção para diversas pesquisadoras pelos atravessamentos que perpassam o próprio corpo, assim como essa, atravessou e partiu do meu.



## Referências

CLANDININ, D. J; CONNELLY, F. M. *Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*. Uberlândia: EDUFU, 2011.

GONÇALVES JÚNIOR, S. W. P. Dandara: mulher travesti, um ano ausente! *In: ENCONTRO DA REDE FEMINISTA NORTE E NORDESTE DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE MULHER E RELAÇÕES DE GÊNERO*, 20., 2018, Salvador. *Anais [...]* Salvador: UFBA, 2018. p. 1-6. Disponível em: <https://www.sinteseeventos.com/site/redor/G18/GT18-05-Sara.pdf>. Acesso em: 8 set. 2023

GRASSINE, F. *Design abjeto: o queer eu tenho a ver com isso*. 2023. Dissertação (Mestrado em Design) - Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://www.btdt.uerj.br:8443/handle/1/20019>. Acesso em: 29 mai. 2023.

MOIRA, A. *E se eu fosse puta*. São Paulo: Hoo, 2016.

MOMBAÇA, J. *Não vão nos matar agora*. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

PRA QUEM Duvidou. Compositores e Intérpretes: Guigo; Tchelo Gomez; Murillo Zyess; Lucas Boombate; Harlley. [*S. l.*]: Quebrada Queer, 3 set. 2018. 1 vídeo (4 min 44 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6vFScgrx0aY>. Acesso em: 29 mai. 2023.

ROSA, E. B. P. R. Cisheteronormatividade como instituição total. *Cadernos PET Filosofia*, Curitiba, v. 18, n. 2, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/petfilo/article/view/68171>. Acesso em: 8 set. 2023

SAMPAIO, I. Travesti Dandara foi apedrejada e morta a tiros no Ceará. *G1*, Ceará, 7 mar. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/ceara/noticia/2017/03/apos-agressao-dandara-foi-morta-com-tiro-diz-secretario-andre-costa.html>. Acesso em: 8 set. 2023.

